

Será que Lula é mesmo Palocista?

*MARCELO DE PAIVA ABREU**

O presidente Lula, em recentes declarações sobre as realizações do seu governo na área econômica, teria afirmado não apenas que o governo teria feito mais em dois anos e meio do que o seu predecessor em dois mandatos, mas também que o 'atual nível da economia brasileira' só é comparável ao dos 'melhores anos' dos governos Vargas e Kubitschek. As declarações podem ser analisadas com proveito pelo menos em dois planos. Num deles deve ser avaliado em que medida o imaginário de Lula se afasta dos fatos. Ainda mais importante é a análise das implicações das suas declarações no quadro das ambigüidades e incertezas que cercam o início da disputa eleitoral de 2006.

O presidente deveria esforçar-se para que as fanfarrônicas guardem certa relação com a realidade. Presume-se que suas declarações tenham sido sobre o desempenho de diferentes governos quanto ao crescimento econômico. Mesmo levando em conta todos os anos dos governos Vargas e Kubitschek, e não apenas os melhores anos, como disse Lula, o desempenho do seu governo é claramente inferior. Mesmo se o PIB per capita crescesse em 2005 à mesma taxa que cresceu em 2004, algo inverossímil, não poderia alcançar os 2,5% anuais do governo Vargas de 1930-1945, ou os 3% do governo Vargas de 1951-1954, e ficaria bem longe dos 5,2% de Kubitschek. Mas talvez o presidente estivesse pensando em outros critérios para avaliar o desempenho de governos. Senão, como poderia ter omitido o governo do marechal Eurico Dutra, quando o desempenho em termos de crescimento foi similar ao do governo de JK? Se outros fatores além do crescimento forem levados em conta, é necessário grande poder de abstração para insistir em usar JK como paradigma e desconhecer sua incorrigível irresponsabilidade fiscal, amplamente atestada por seus companheiros de governo mais íntimos, entre os quais Lucas Lopes. A herança econômica legada a Jânio Quadros foi das piores da História republicana. Da mesma forma, qualquer avaliação não eleitoral do governo Fernando Henrique deve levar em conta outros fatores, além do medíocre crescimento anual de 0,8% do PIB per capita. A vitória contra a inflação crônica, o início do saneamento fiscal, mesmo que após as hesitações do primeiro mandato, a legislação sobre a responsabilidade fiscal, boa parte do programa de privatização são conquistas que não devem ser menosprezadas e das quais se beneficiou o governo Lula.

Os mesmos argumentos que amparariam uma avaliação equilibrada da política econômica do governo anterior devem ser usados para assegurar que a política econômica do governo Lula não seja avaliada simplesmente com base no desempenho do PIB per capita. É fundamental que se valorize o sucesso na manutenção de taxa de inflação sob relativo controle, na redução do endividamento público e na melhoria notável das contas externas. Apesar do ranger de dentes da esquerda do governo e dos segmentos mais chorões e imediatistas do empresariado, mfope em relação a objetivos que transcendam os seus

interesses especiais, o fato é que as principais realizações do atual governo estão na área econômica. Apesar de panglossianos funcionais que acreditam que o governo vai bem em todas as áreas e que qualquer crítica à sua ação só pode ser articulação golpista. Fica bem claro como é tênue a fronteira entre reconhecer a grande dose de irracionalidade que permeia o processo político e a condução da coisa pública e a sistemática complacência com a irracionalidade.

Será difícil que o desempenho econômico do governo deixe de ser um dos temas principais das eleições de 2006. A essência das dificuldades políticas enfrentadas hoje tanto pelo governo quanto pela oposição tem que ver com ambigüidades quanto ao que seriam os pilares de suas campanhas, especialmente no terreno econômico. Tanto o governo quanto a oposição estão cindidos em duas facções tendo como foco discordâncias quanto à política econômica: palocismo versus desenvolvimentismo do PT e malanismo versus desenvolvimentismo do PSDB. O palocismo está para o PT como o malanismo para o PSDB, com a diferença de que o ministro da Fazenda é militante e político do PT, enquanto Malan nunca foi militante do PSDB e preferiu não se lançar como político. A melhor expressão política do malanismo no PSDB é mesmo o ex-presidente Fernando Henrique em dias pares, quando não dá ouvidos a seus desenvolvimentistas de plantão.

Antes das últimas manifestações de Lula, tudo parecia indicar que a facção majoritária do PT tentaria ocupar o espaço que lhe estava sendo oferecido pela oposição. E que, persistindo um quadro econômico favorável, a eleição seria disputada com Lula capitalizando os resultados obtidos por Palocci e sua equipe. Não será mais possível para o PT manter a ambigüidade da eleição passada sobre o seu efetivo compromisso com uma política econômica coerente. Nem será provável a repetição, em 2006, da situação de 2002, quando era difícil fazer distinção muito clara entre os programas econômicos efetivos dos candidatos presidenciais. Com um Lula com alto teor de palocismo, o candidato do PSDB teria de enfrentar bem mais do que a grande popularidade de um opositor que é homem do povo. No pior cenário, poderia ficar tentado a abandonar a defesa da política macroeconômica coerente, pilar principal do governo Fernando Henrique no segundo mandato. Mas pode haver um cenário pior. Será que Lula é mesmo palocista?

* Marcelo de Paiva Abreu, doutor em Economia pela Universidade de Cambridge, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio